



TRAIR O PATRIARCADO: O *CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS*, DE ISABELA FIGUEIREDO

Guilherme José Schons

Mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista da CAPES
guilherme.schons@estudante.ufffs.edu.br

1. Introdução

Isabela Figueiredo, no seu livro *Caderno de memórias coloniais* (2010), publicado originalmente em 2009, escreve a respeito da vida como portuguesa branca nascida na capital de Moçambique, Lourenço Marques (hoje Maputo), dentro do esquema da exploração colonial. Na obra, nos deparamos com a problematização do passado familiar (o racismo do seu pai, especialmente) como mecanismo para romper com o silenciamento. Se, quando do avanço das lutas por libertação em meio à vitória da Revolução dos Cravos na metrópole, a autora é encaminhada a Lisboa (para se proteger) e recebe a missão do pai de denunciar as dificuldades que ele supostamente sofria, temos de analisar uma feliz inconfidência: Isabela trai o colonialismo expondo o ambiente violento em que cresceu, com ênfase à representação da ditadura salazarista/marcelista como continuidade do domínio já imposto às colônias há muito tempo e que não se dissolve das rationalidades e das subjetividades com a Revolução dos Cravos, em 1974.

Ciente da dureza das suas palavras – e mediante firmeza na convicção de que elas devem ser ditas –, a autora escancara a violência da qual ela própria foi reproduutora para, então, rejeitar uma ordem de barbárie, engendrada por meio da subalternização racista, que jamais deixou de atuar, se aproveita do cômodo silêncio e, inclusive por isso, precisa ser denunciada. Nesse caso, percebo que a atitude de Figueiredo em dedicar o texto ao seu pai racista não é inocente. Para além da sua postura psicanalítica de tentativa de ajuste de contas e, logo, de traição a essa figura autoritária, Isabela desvela que, ao invés de personagem ficcional, estamos diante de “[...] um homem de um tempo, no seu contexto, tão racista como os que eram racistas, e eram muitos, na metrópole e no ultramar. E como o são, ainda hoje, aqui. Retornados ou não” (Figueiredo, 2010, p. 11-12). Nesse caso, conforme registrado nas *Palavras Prévias* da obra, não se trata da tentadora diabolização das atitudes reprováveis do seu pai. Pelo contrário, o exercício envolve a compreensão do



espraiamento da colonialidade (Quijano, 2005; Segato, 2012) a ponto de as ações narradas terem sido naturalizadas – e, no limite, ainda hoje relativizadas.

Assim, desde o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em História (Schons, 2024) até o Mestrado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus Erechim*, tenho absoluto acordo com a autora: o *Caderno...* é, ao mesmo tempo, um relato da história de uma menina a caminho da adolescência que viveu o ocaso do Império colonial português desde Moçambique, e, nesse processo, passa a questionar os valores familiares que lhe foram transmitidos; e, além disso, uma simbolização “[...] de um velho e de um novo poder; de um velho mundo que chegou ao fim, confrontado por uma nova era que desponta e exige explicações. A guerra dos mundos em 1970” (Figueiredo, 2010, p. 9). Por meio de movimentações como a de Isabela, esse confronto invade o tempo presente e sustenta a urgência de interpelações às memórias (que se aceita recordar) daquele período emergentes – assim como dos anseios pela produção de silêncio, o qual, nos termos da escritora, apesar da facilidade, apenas se abstém de causar ruído.

Desse modo, por meio do diálogo com os escritos de Figueiredo, desejo me unir à tarefa de desenterrar esse passado do colonialismo português em Moçambique para, com Benjamin (1985), escová-lo a contrapelo. Sob esse ponto de vista e com base nas contribuições teóricas de autoras como Angela Davis (2016), bell hooks (2019) e Lélia Gonzalez (2020), o objetivo do trabalho é analisar a literatura testemunhal (Seligmann-Silva, 1998) de Isabela Figueiredo, no *Caderno de memórias coloniais*, a partir das categorias gênero, raça e classe.

2. Metodologia

Para tanto, recorro à noção de interseccionalidade, atrelada a uma virada epistêmica feminista negra (Veiga, 2020) e tal qual formulada por Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) como

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.



Dessa forma, a leitura interseccional do *Caderno...* permitirá a investigação a respeito das diferentes relações de poder a partir das quais, em um mesmo cenário de colonialismo, os sujeitos – como mulheres negras, mulheres brancas, homens negros e homens brancos – experimentaram desigualdades (ou, então, privilégios) de gênero, raça e classe mediante hierarquias que foram culturalmente fabricadas.

3. Resultados e discussão

Registra a obra aqui examinada que Isabela chegou em Lisboa, no dia 22 de Novembro de 1975, com uma missão: contar tudo, ou seja, denunciar ao mundo o quanto tristes estavam os colonizadores em África por não mais poderem explorar os negros. Logo, Figueiredo “era a portadora da mensagem; levava comigo a verdade. A deles. A minha, também, mas eles não imaginariam que eu pudesse ter uma verdade só minha, sem a sombra das suas mãos” (Figueiredo, 2010, p. 87). Nessa perspectiva, ainda que tenha recebido todos os discursos do ódio paterno, o colonialismo não foi capaz de formar o seu pensamento: “nunca entreguei a mensagem de que fui portadora” (Figueiredo, 2010, p. 95). Pai e filha somente se reencontrarão, na Europa, dez anos depois – quando ela já pensava que “a metrópole era suja, feia, pálida, gelada. Os portugueses da metrópole eram pequeninos de ideias, tão pequeninos e estúpidos e atrasados e alcoviteiros. [...] Que triste gente!” (Figueiredo, 2010, p. 104), sobretudo, após ter sido obrigada a conviver com os tios que a viam “[...] com a mesma emoção com que se trata um electrodoméstico” (Figueiredo, 2010, p. 108, *sic*); e depois dele ser preso em Moçambique, possivelmente em decorrência do, agora do ponto de vista legal, criminoso racismo.

Aquele senhor morreu em 3 de Maio de 2001. Faleceu absolutamente racista, machista e colonialista como foi por toda a vida, sem que pudesse ter feito completamente as pazes com a filha: sem que ela estivesse totalmente crescida e ele completamente vencido. Oito anos depois, Isabela o traiu – publicando o *Caderno...* em sua memória – para que pudessem ambos levantar a cabeça. Ainda assim, apenas “podemos descansar com os nossos pesados restos coloniais, se conseguirmos fechar os olhos por escassos minutos” (Figueiredo, 2010, p. 96). Nesse caso, entendo que Isabela produziu, ao mesmo tempo, um contradiscorso do luso-tropicalismo e uma contra-história do colonialismo



português em Moçambique. Mediante uma literatura testemunhal (Seligman-Silva, 1998), Figueiredo ressalta que “[...] o livro ficciona para dizer a verdade [...] Pode esperar-se que os factos relatados correspondam ao que foi testemunhado, vivido e sentido, não que sejam um relato literal isento de trabalho literário” (2010, p. 11, *sic*). Ou seja, operou-se pela fabulação (Hartman, 2020) com vistas à crítica da colonialidade (Quijano, 2005; Segato, 2012) no tempo presente, o que muito me agrada a partir do propósito de perceber as estratégias por meio das quais a minha colaboradora compõe os seus relatos na finalidade de testemunhar a barbárie que lhe acompanhou no caminho do ultramar à metrópole.

4. Considerações finais

Assim, destaco a impescindibilidade da arguição da obra por meio de lentes interseccionais, isto é, atentas à combinação de dinâmicas opressivas, conforme já enunciado por Crenshaw (2002), nas quais aspectos como gênero, raça e classe impactam de modo desigual as personagens com quem Isabela Figueiredo trabalha. Nesse sentido, problematizar tais hierarquias que foram socialmente erigidas e conceber as suas vinculações às especificidades das políticas do colonialismo português, sobretudo no que se refere à denegação do racismo (Gonzalez, 2020), me permitiu identificar instrumentos de ação do patriarcado racista e capitalista na Moçambique ocupada. Isto é, foram constituintes do poder masculino e branco movimentos como: a busca por assediar, estuprar e reificar as mulheres negras; a limitação da sexualidade das mulheres brancas; e o controle dos homens negros tanto no âmbito sexual como no trabalhista. À vista disso, sustento que a análise dos testemunhos do *Caderno...* reverbera marcadores culturais que produziram diferentes posições dos sujeitos em uma história de barbárie, bem como invade o tempo presente – tendo em vista a urgência de elaboração pública de tal trauma e de se escovar o horror colonial a contrapelo.

Referências

BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.



10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. 4. ed. Coimbra: Angelus Novus, 2010.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 24 dez. 2020. Disponível em:
https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 02 nov. 2024.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-278.

SCHONS, Guilherme José. **Memórias de duas ditaduras ibero-ameféricanas: Brasil, Moçambique e Portugal nas escrevivências pós-coloniais de Conceição Evaristo e Isabela Figueiredo**. 2024. 102 f. TCC (Graduação) - Curso de História, *Campus* Erechim, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2024. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/7751>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-Cadernos CES**, Coimbra, n. 18, p. 106-131, 1 dez. 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**, Santa Maria, v. 1, n. 16, p. 9-37, jan. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/lettras/article/view/11482>. Acesso em: 25 nov. 2024.

VEIGA, Ana Maria. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. 1-32, 2020. Disponível em:
<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0101>. Acesso em: 12 out. 2024.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de Mestrado.